

Reflexão XVIII

Do projeto de Deus ao programa de Jesus de Nazaré (10)

A homilia continua....

Depois de termos refletido sobre o conteúdo da oração mais bela dos Evangelhos – o Pai-nosso (resumo dos Evangelhos) -, continuemos pelo capítulo 6 adentro: o Sermão da Montanha. Continuamos a ouvir Jesus de Nazaré, na homilia das Bem-aventuranças, “desembrulhadas” no Evangelho de Mateus.

Hoje a nossa reflexão vai centrar-se na 2ª parte do capítulo 6. Depois de, numa reflexão anterior, termos trabalhado sobre o tripé da ritualidade cultural judaica (jejum, esmola e oração) que mereceu da parte de Jesus de Nazaré uma exaustiva reflexão e uma nova prática, fundamentalmente sobre o sentido da recompensa do aí referida, avancemos Ao fazerem de Deus um ídolo e da esmola, do jejum e da oração uma maneira de se autopromoverem, de se autoelogiarem, de procurarem tratar as coisas de Deus a girar à volta de cada “ego”, tal vai merecer um novo colocar do “dedo na ferida” por parte de Jesus. Era uma advertência para os discípulos que haviam subido ao monte. Mas também para cada um de nós.

A idolatria do dinheiro/da posse/da ganância/da competição.

Mt 6, 19-34

¹⁹«Não acumuleis^[6] para vós tesouros na terra, onde a traça e a corrosão os fazem desaparecer e onde os ladrões os pilham e roubam. ²⁰Mas acumulai para vós tesouros no céu, onde não há traça nem corrosão para os fazer desaparecer e onde os ladrões não os pilham nem roubam. ²¹Pois onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração». ²²«A candeia do corpo é o olho. Por isso, se o teu olho for límpido, todo o teu corpo será luminoso^[7]; ²³mas se o teu olho for mau, todo o teu corpo será trevas. Portanto, se a luz que há em ti é trevas, quão grandes serão essas trevas!». ²⁴«Ninguém pode servir a dois senhores, pois ou odiará um e amará o outro, ou dedicar-se-á a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas^[8]». ²⁵«Por isso vos digo: não vos preocupeis com a vossa vida quanto ao que haveis de comer ou que haveis de beber, nem com o vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que a roupa? ²⁶Fixai o olhar nas aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros, e o vosso Pai celeste as alimenta. Não valeis vós mais do que elas? ²⁷Quem de vós, por se preocupar, é capaz de acrescentar um cúbito ao tempo da sua vida? ²⁸E porque vos preocupais com a roupa? Observai como crescem os lírios do campo; não se afadigam nem fiam. ²⁹Digo-vos que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestia como um deles. ³⁰Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, quanto mais a vós, gente de pouca fé^[9]? ³¹Por isso não vos preocupeis, dizendo: "o que havemos de comer?", ou "o que havemos de beber?", ou "o que havemos de vestir?", ³²pois os pagãos é que procuram tudo isso. O vosso Pai celeste sabe que precisais de tudo isso. ³³Procurai, primeiro, o reino de Deus e a sua justiça; e tudo isso vos será dado por acréscimo. ³⁴Portanto, não vos preocupeis com o amanhã, porque o amanhã preocupar-se-á consigo próprio. A cada dia bastam os seus males».

⁶.Lit.: entesoureis.

⁷.cf. TestBenj 4; mAvot 2,8-9

⁸.Lit.: e a mamona. Era, na origem, a divindade fenícia e síria das riquezas; depois, a sua personificação.

⁹.Gente de pouca fé constitui uma expressão cara a Mt (8,26; 14,31; 16,8; 17,20-21).

Não acumuleis, não entesoureis... mas procurai primeiro, primeiro, primeiro o que ficará para depois da vida terrena. Tudo o mais é lixo ou vai converter-se em lixo. E não queirais que a vossa vida também acabe na lixeira (uma remissão para outra reflexão em que falamos da Geena). Cuidemos da nossa forma de viver e coloquemos todo o investimento na nossa vida quotidiana para que não se venha a tornar lixo. Vivamos com sabedoria e construindo para além do prazo de validade das coisas materiais (lixo no amanhã).

É muito conhecida na passagem bíblica acima, o seguinte versículo: “²⁴«Ninguém pode servir a dois senhores – a Deus e ao dinheiro”. Dinheiro é uma tradução para os dias de hoje. Não aparece assim no original em grego. E aqui dinheiro não é sequer só notas e moedas, mas também ações, imobiliário, joias, etc.). Jesus de Nazaré terá dito: “Não se pode servir ao mesmo tempo a Deus e a Mamom”.

Mamom é um termo bíblico usado para descrever riqueza material ou muito mais cobiça, ganância, avareza, acumulação que na maioria das vezes é personificado como uma divindade - Mamona. A própria palavra é uma transliteração da palavra hebraica "Mamom" (ממון). Mamom representa o terceiro pecado, a Ganância ou Avareza, também o anticristo, devorador de

almas, e um dos sete príncipes do Inferno. A sua aparência é normalmente relacionada a um nobre de aparência deformada, que carrega um grande saco de moedas de ouro, e "suborna" os humanos para obter suas almas. Em outros casos é visto com uma espécie de pássaro negro (semelhante ao abutre), porém com dentes capazes de estraçalhar as almas humanas que comprara.

Fica, pois, claro que Jesus de Nazaré confronte os seus discípulos e a multidão que com Ele subiu ao monte com o ser de/seguir Deus, percorrer o caminho do Reino de Deus, ou seguir a mítica divindade Mamona, das coisas à "nossa moda", o deus da posse, das "coisas dominadas", da prosperidade imediata. Está em causa um confronto de lógicas de vida. A lógica da confiança, da partilha – a lógica do Reino de Deus - e, a lógica do dinheiro, poder, carreirismo, competição, ganância, ter e ter...

Quem diria que, para entrar na lógica do Reino de Deus, era preciso:

- aprender a olhar os lírios do campo;
- aprender a encantar-se olhando o voo das aves;
- aprender a contemplar e a meditar;
- aprender a confiar, a perceber a gratuidade...

A divindade Mamona não nos conduziria, nunca, para aí. E Jesus de Nazaré adverte os ouvintes: andais preocupados, enredados, "enrodilhados" com a lógica do ter, ter de ter e essa prática só gera ansiedade e angústia. Sois vítimas da "religião" diabólica/separadora que na época de Jesus, tal como hoje, tão bem conhecemos. Deus, o meu Pai e o vosso Pai, refere Jesus de Nazaré, é o Deus dos passarinhos, dos lírios do campo, duma lógica de confiança e da partilha e não de ansiedade, egoísmo, competição.

Estamos, portanto, perante duas lógicas de vida radicalmente diversas. Duas lógicas de funcionamento da vida, do resolver os assuntos quotidianos.

Procuremos outra passagem bíblica onde ainda fica mais clara a diferença destas lógicas. Sigamos na parte final do capítulo 6 de Marcos, o tão conhecido e tantas vezes tão mal percebido episódio da divisão multiplicadora dos pães e dos peixes.

Mc 6, 34-44

³⁴Ao sair, viu uma **numerosa** multidão e compadeceu-se profundamente deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor^[17], e começou a ensinar-lhes muitas coisas. ³⁵Como a hora já estava adiantada, os seus discípulos foram ter com Ele e diziam: «O lugar é deserto e a hora já vai adiantada. ³⁶**Manda-os embora, para irem aos campos e povoações em redor comprar para si alguma coisa para comer**». ³⁷Mas Ele, em resposta, disse-lhes: «Dai-lhes vós de comer». Disseram-lhe: «Havemos de ir comprar **duzentos** denários de pão para lhes darmos de comer?». ³⁸Ele disse-lhes: «Quantos pães tendes? Ide ver». E, tendo-o sabido, disseram: «**Cinco**, e **dois** peixes». ³⁹Ordenou-lhes, então, que os fizessem reclinar a todos, por grupos de comensais^[18], sobre a erva verde^[19]. ⁴⁰Eles inclinaram-se, por grupos de **cem** e de **cinquenta**. ⁴¹Tomando, então, os **cinco** pães e os **dois** peixes e levantando os olhos ao céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e deu-os aos seus discípulos, para que os distribuíssem. E dividiu por todos os **dois** peixes^[20]. ⁴²Todos comeram e ficaram saciados,⁴³ e recolheram os pedaços: **doze** cestas cheias de pão e de peixe^[21]. ⁴⁴Os que comeram os pães eram **cinco mil** homens.

¹⁷. Cf. Nm 27, 17.

¹⁸. Lit.: grupo de refeição a grupo de refeição. No mundo antigo as pessoas comiam reclinadas em leitos apropriados; no mundo judaico esta postura evoca a refeição pascal (Mc 14, 18). Refeição é a tradução de sympósion que é hápax legómenon (única vez em que ocorre a palavra) no NT; tendo em conta o uso na literatura grega significa banquete, o que no contexto parece evocar o séder pascal (ritual da Páscoa hebraica).

¹⁹. A referência à erva verde parece evocar o Sl 23.

²⁰. Vocabulário eminentemente eucarístico (Mc 14, 17-23par.). Mais do que ver nos pães e peixes um símbolo dos cinco livros da Torá e das duas tábuas da Lei (entre outras interpretações), o que parece importar é a soma: sete, número da perfeição divina. Em e por Jesus, Deus oferece o alimento escatológico, que sacia perfeitamente e que sobeja.

²¹. Lit.: doze cestas cheias e também dos peixes.

Quando lemos e relemos esta passagem do Evangelho de Marcos, o que é que nos convoca?

Sabemos que o evangelista Marcos é parco em pormenores. O seu Evangelho é o mais pequeno e o evangelista é conhecido pela sua linguagem incisiva/direta. Mas, porque o texto "se desenvolve" em pormenores e sobretudo em números, números e mais números, isso querer-nos-á dizer algo para além da letra de cada versículo. Vamos tentar perceber.

Marcos terá querido dizer aos seus ouvintes e queria dizer-nos a nós, hoje, que o problema de sempre está no perceber como funciona a lógica do Reino de Deus. E nós tínhamos e temos a tendência para perceber ao lado. Fazemos sempre muitas contas, estamos preocupados com a contabilidade, com ter dinheiro para resolver os problemas do dia a dia, com o que contar, com o que não poder contar, números e mais números, etc.. etc.. Em conclusão, o que tantas vezes preocupava os discípulos de Jesus de Nazaré/nos preocupa hoje antes de tudo o mais é mais do mesmo. E perguntamos: qual a solução para todos os problemas do nosso dia a dia? Ansiosamente, ter dinheiro, bens, poder, posição, etc. Se não temos, não é possível resolver cada situação que nos aparece. Os discípulos de Jesus, que afinal eram/são a “nossa cara” até terão dito: se tivéssemos duzentos denários estaria tudo resolvido. (Nota: *o denário era a moeda de prata com maior circulação em todo o Império Romano. No Novo Testamento essa moeda é mencionada como sendo o salário diário de um trabalhador. Portanto, duzentos denários correspondiam ao salário de quase 7 meses de trabalho*). Como não os temos, dizem, não há solução. Se tivéssemos... Se tivéssemos... Mas, se tivéssemos precisaríamos de ter mais algum. Era preciso pensar e acautelar o futuro!! Também hoje ouvimos o mesmo. Se eu tivesse mais dinheiro faria, aconteceria, etc.. etc.. Como nos é familiar esta linguagem...

Voltemos ao texto de Marcos. Como procuram, os discípulos, resolver o problema? Mestre, “³⁶**Manda-os embora, para irem aos campos e povoações em redor comprar para si ...**” numa lógica da divindade Mamona. Cada um que trate de si, pois não há dinheiro.

E que lhes disse/diz, na lógica do Reino de Deus, Jesus de Nazaré? A lógica do pouco que temos e onde o que conta não é a quantidade, mas a totalidade. E uma totalidade partilhada em que o meu e o teu são o nosso. Será que damos conta que a lógica do Reino de Deus é a lógica da permanente abundância mesmo no pouco. E esta lógica nunca é uma lógica de ansiedade, angústia, mas uma lógica de confiança no Pai que nunca abandona o filho. Ainda nos lembramos desta passagem bíblica?

Lc 11, 11-13 “ ¹¹Haverá algum pai entre vós a quem o filho peça um peixe, e em vez do peixe lhe dê uma serpente? ¹²Ou que peça um ovo e lhe dê um escorpião? ¹³Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem

É isto que nos conta o poema dos lírios do campo e das aves do céu.

Porém, com certeza, não se quer dizer com tudo isto que temos de ser ingénuos.

Não podemos pensar que se quer dizer que não devemos fazer nada e tudo nos vem parar à mão. Temos de ser responsáveis, temos de ser organizados, temos de fazer a nossa parte, temos de ser vigilantes, mas não “mergulhar” na lógica da ansiedade e da angústia para ter, ter e ter. Na lógica da divindade Mamona. Depois, o tudo do excesso, será lixo. Como criados por Deus, basta-nos a confiança na alegria da partilha. É essa a enorme dificuldade de um cristianismo rumo ao Reino de Deus, aqui na Terra como no Céu.

Fica, para concluir a reflexão de hoje, um bonito texto na lógica do Reino de Deus.

O MEU PAÍS É ONDE OS PÁSSAROS COMEM À MESA DOS MENINOS

01 de março de 2014 – Mesa de Palavras – D. António Couto – Bispo de Lamego

O dinheiro, os bens, os negócios, comer, beber, vestir, eis o que muitas vezes enche o nosso espírito e o nosso tempo. Enche e preenche, governando a nossa mente e os passos que damos. É a Mamona de Mateus 6,24, os ídolos do dinheiro e do poder, diante dos quais nos ajoelhamos e a que prestamos o culto devido. A Mamona não ama. Motor imóvel, não se mexe, não se debruça sobre nós, não ama, não liberta, nenhum sentimento a habita. Somos nós que nos deixamos fascinar, sugar e subjugar por ela. Nesse dia, tornamo-nos escravos, invadidos, neutralizados e esterilizados. Mas, como é diferente o Deus vivo que nos ama, e, amando-nos, nos liberta de todas as amarras. Não podeis servir a Deus e a Mamona, pois o serviço ao Deus que liberta é irreconciliável com o serviço aos ídolos que escravizam. O maior pecado que o ser humano possa cometer é o de se esquecer de que é um príncipe, filho do Deus Rei deixando-se reduzir à escravidão.

O Evangelho (Mateus 6,24-34) mostra-nos enredados pela teia por nós tecida (!) dos cuidados e preocupações da nossa vida. É espantoso que deparemos por seis vezes com o verbo *merimnáô* (Mateus

6,25.27.28.31.34[2x], que traduz o nosso enredo pelos bens deste mundo e pela segurança da nossa vida. Enredados, é o termo. Asfixiados e desumanizados é o resultado.

E Jesus diz outra vez nas alturas saquele monte do Sermão aquilo que só nas alturas pode ser dito e entendido: «Procurai PRIMEIRO o Reino de Deus...» (Mateus 6,33). PRIMEIRO, PRIMEIRO, PRIMEIRO...

Em sublime contraponto, aí estão as aves do céu, livres e belas e soltas, que nos falam de Deus, nosso Pai! Aí estão também os lírios do campo, que, na sua beleza, ultrapassam de longe o manto escarlate de Salomão (Mateus 6,29), e apontam para Deus, nosso Pai! Apontam para o amor. No estupendo poema bíblico do Cântico dos Cânticos, diz a Amada acerca do Amado: «Os seus lábios são lírios (*shôshanîm*)» (5,13). Aí está evocada a cor avermelhada dos lírios do campo, do manto de Salomão, dos lábios rosados...

Como é belo o país dos lírios do campo! Como é belo o país das aves que voam e cantam! Como é belo o país de Deus, nosso Pai! Dá-me, Senhor, a graça de poder dizer sempre com suficiente verdade e simplicidade: «O meu país é onde os pássaros comem à mesa dos meninos».

A homilia vai concluir na próxima reflexão.

Reflexão baseada em propostas do P. Rui Santiago, cssr

Apoio bibliográfico:

Papa Francisco, D. António Couto, Ariel Álvarez Valdés, Gianfranco Ravasi. Tomás Halik.

Citações:

Os Quatro Evangelhos e os Salmos – CEP

Bíblia dos Capuchinhos.